

A ÁSIA CENTRAL E A GEOPOLÍTICA DO PETRÓLEO

Marcos Valle Machado
da Silva¹

RESUMO

Este artigo analisa a disputa pelo controle dos recursos energéticos da Ásia Central, onde os interesses dos três pólos de poder mundial – Estados Unidos da América, União Européia e China -, acrescidos pela ação da Rússia, encontram-se presentes e evidenciam a luta, usualmente velada, para estabelecer e consolidar influência sobre os Estados dessa região. O trabalho evidencia como a descoberta de recursos naturais indispensáveis ao funcionamento das economias atuais, desperta e movimentam o interesse dos pólos de poder da atualidade.

Palavras-chave: Ásia Central; Geopolítica; Petróleo.

ABSTRACT

This study analyses the dispute over the Central Asia energetic resources, where the three main world powers - United States of America, European Union and China - increased by Russia action are strongly present and shows the struggle usually veil to establish and consolidate influence over the Central Asia States. The work also serves as an evidence of how the discovery of economic indispensable

¹ Capitão-de-Fragata (RM-1). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos (PPGEST) da UFF.
e-mail: mbvalle2002@yahoo.com.br

natural resources awakes and moves the present Great Power interests.

Keywords: Central Asia; Geopolitics; Petroleum.

1. INTRODUÇÃO

O término da Guerra Fria conduziu a um período de transição na estrutura do sistema internacional, que passou da bipolaridade para uma configuração mais complexa, na qual as diferentes expressões do poder² apresentam estruturas distintas, principalmente no âmbito militar e econômico. A estrutura correspondente ao poder militar é fundamentalmente unipolar, pois os Estados Unidos da América (EUA) são indiscutivelmente mais fortes, haja vista que a superpotência norte-americana é a única a deter tanto armas nucleares intercontinentais, como extensas e modernas forças aéreas, navais e terrestres, com capacidade de desdobramento global. Já a estrutura que reflete o poder econômico aponta para uma distribuição tripolar entre EUA, União Européia e China, sendo relevante destacar que esses três pólos de poder têm suas economias profundamente interligadas. Isso fica patente quando nos damos conta de que aproximadamente quarenta

² Poder entendido como a habilidade de impor o desejo de um sobre os demais, a capacidade de ditar o que fazer, bem como obter concessões daqueles que são mais fracos (Nicholas John SPYKMAN, *America's Strategy in World Politics: The United States and The Balance of Power*, 1970, p. 18).

por cento do comércio dos EUA se dá com a Ásia Oriental (principalmente com a China e o Japão) e quase todo o restante, com a Europa. A América depende dos produtos chineses baratos e da compra por parte da China dos Títulos do Tesouro norte-americano. Por outro lado, a China depende dos investimentos europeus e norte-americanos, e atualmente exporta mais para a Europa do que os EUA. Já as empresas européias e norte-americanas reduzem custos e aumentam lucros transferindo sua produção para a China. No entanto, esse quadro, tende a mascarar uma realidade muito mais profunda: os EUA, a União Européia e a China já detêm quase todo o poder econômico mundial e, provavelmente, não têm interesse em que outros países alcancem o patamar em que se encontram. Do mesmo modo, apesar de interdependentes em termos econômicos, procurarão aumentar as vantagens relativas entre si, construindo esferas de influência em todo o mundo (KHANNA, 2008, p. 21-25).

Assim sendo, a ação estratégica de cada um desses três pólos de poder mundial busca condicionar direta ou indiretamente, um crescente número de Estados, particularmente aqueles que se encontram em um estágio intermediário de desenvolvimento econômico e social. Nesse contexto, a Ásia Central é palco de uma acirrada disputa, em função dos recursos energéticos, na forma de petróleo e

gás. A região tornou-se importante tanto para a estratégia de desenvolvimento da China, que depende do fluxo constante e seguro desses dois recursos naturais, quanto para os EUA, a Rússia e a União Européia que têm interesses diretos na exploração e no destino desses recursos. Portanto, a geopolítica dos dutos de petróleo e gás encontra-se presente nas estratégias dos pólos de poder mencionados, bem como da Rússia, que mesmo não possuindo mais a capacidade de projeção mundial, nas duas esferas de poder anteriormente mencionadas, desempenha um papel estratégico relevante nessa região.

Uma questão complexa como essa não será esgotada nesse breve artigo. Assim, nosso propósito é identificar como se desenrola a disputa pelo controle dos recursos energéticos da Ásia Central, onde os interesses da China, EUA, União Européia e Rússia, encontram-se presentes e evidenciam a luta, usualmente velada, para estabelecer e consolidar influência sobre os Estados dessa região. Para tanto, será inicialmente apresentado o panorama geopolítico da Ásia Central. Em seguida será abordada, especificamente, a questão do interesse da China na região evidenciando a sua dependência de petróleo e gás importados. Ato contínuo serão comentadas as ações da Rússia, EUA, China e União Européia em cada um dos principais países que formam a chamada Ásia

Central. Desse modo, o trabalho é finalizado com uma síntese da conjuntura geopolítica nesta região, a fim de que possamos compreender a importância dessa questão no atual contexto estratégico internacional.

2. A ÁSIA CENTRAL

A Ásia Central compreende o Afeganistão e cinco antigas repúblicas soviéticas: Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Tadjiquistão e Quirguistão. A região é, historicamente, a via de ligação terrestre entre o Oriente e o Ocidente e, também, desde o século XIX, um dos palcos da competição entre as Grandes Potências. No século XXI, ela se apresenta como uma mistura desses dois cenários, principalmente após a dissolução da União Soviética, onde dentre os novos Estados que surgiram na Ásia Central, o Cazaquistão e o Turcomenistão despontam como detentores de grandes reservas de petróleo e gás, principalmente na Bacia do Mar Cáspio. Essas reservas de petróleo são estimadas em cerca de 200 bilhões de barris (como comparação as reservas confirmadas no Golfo Pérsico montam a cerca de 600 bilhões de barris), tornando a região uma indispensável fonte alternativa de petróleo para o Ocidente e para o Oriente. Desse modo, os Estados supracitados passaram a atrair investimentos bilionários tanto das transnacionais do petróleo

(*Móbil, Chevron, Texaco, Agip e British Gas*), como das estatais chinesas e russas. Assim, à medida que os pólos de poder mundial e a Rússia tentam assegurar o controle das reservas de gás e petróleo descobertas, a região se transforma no palco da competição por oleodutos, rodovias e redes de comércio (KHANNA, 2008, p. 111 e 135).

É importante destacar que, logo após a dissolução da URSS, a política externa norte-americana na região voltou-se, quase que exclusivamente, para a questão das armas nucleares soviéticas do Cazaquistão³. Somente no segundo mandato do presidente Clinton, é que a diplomacia dos EUA buscou intensificar as relações com os demais Estados da região. Durante o governo Bush, a oferta limitada de apoio militar e de programas seletivos de reforma democrática e de mercado não foi percebida, por muitos dos governos da Ásia Central, como portadora de benefícios significativos. Em oposição, o governo chinês tem patrocinado medidas para aumentar a confiança recíproca na região, via a Organização de Cooperação de Xangai (OCX), principalmente com a Rússia, Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão. Assim, a OCX

³ Em 1992, a Ucrânia, Belarus e o Cazaquistão desistiram de suas armas nucleares herdadas com a dissolução da URSS, concordando com o *status* de “Estados não-nuclearmente armados” dentro de Tratado de Não-Proliferação Nuclear (Nota do autor).

estabelece normas e procedimentos comuns em matéria de alfândega e controles de fronteira e coordena atividades conjuntas de combate ao tráfico de entorpecentes.

O desenvolvimento dessa política por parte do governo chinês está diretamente relacionado com a questão da dependência de petróleo importado, para garantir o funcionamento e a expansão da economia chinesa que consome atualmente 7,85 milhões de barris de petróleo por dia (BPD). Até 2015, esse consumo deverá ser da ordem de 10-12 milhões de BPD. Em maio de 2008, a China tornou-se o segundo maior importador de petróleo do mundo, importando 53% das suas necessidades de consumo. Desse total de petróleo importado, 46% vêm do Oriente Médio, 32% da África e 5% do Leste asiático. Em 2008, a Arábia Saudita era o maior fornecedor de petróleo para China (725.000 BPD), seguida por Angola (596.000 BPD) e Irã (425.000 BPD). A maior parte desse petróleo importado é transportada por via marítima, passando principalmente pelo Estreito de Malaca, um ponto focal da navegação e, portanto, extremamente vulnerável a ações militares em tempos de crise ou conflito militar⁴. A figura seguir ilustra essa vulnerabilidade crítica da economia chinesa.

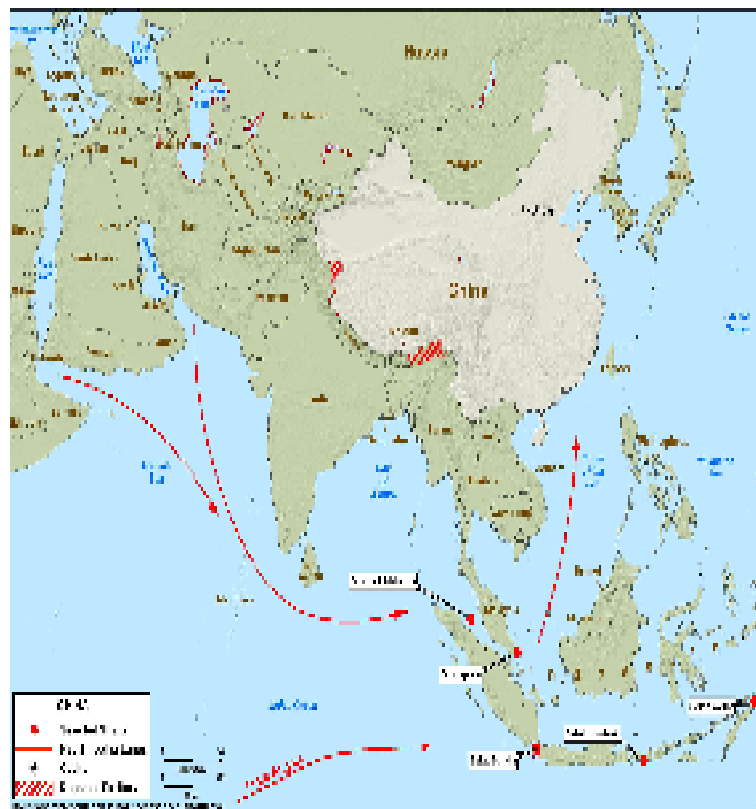


Figura 1: China's Critical Sea Lanes.

Fonte: USA. *Department of Defense. Annual Report to Congress. Military Power of the People's Republic of China 2009*, p. 4.

Em 2004, a China iniciou a construção de uma reserva estratégica de petróleo. A primeira fase foi concluída em 2008, consistindo no armazenamento de aproximadamente 100 milhões de barris, algo equivalente a cerca de 25 dias de importações de petróleo. A segunda fase está prevista para aumentar essa capacidade para 200 milhões de barris, até 2015, garantindo cerca de 40 dias de importações. Mas, mesmo esse significativo

⁴ USA. *Department of Defense. Annual Report to Congress. Military Power of the People's Republic of*

China 2009, p. 3-4. (http://www.defenselink.mil/pubs/pdfs/China_Military_Power_Report_2009.pdf).

investimento estratégico não garante a atividade da economia chinesa em uma situação de interrupção prolongada do fluxo de petróleo importado⁵.

Uma vez apontada essa vulnerabilidade estratégica da China, podemos partir para a análise de como cada uma dos pólos de poder mundial e a Rússia buscam o controle dos lençóis petrolíferos e dos oleodutos que deles se irradiam, na Ásia Central, evidenciando a ação de cada uma das potências interessadas no controle dos recursos energéticos dessa região.

3. A GEOPOLÍTICA DA INFRA-ESTRUTURA COMERCIAL E ENERGÉTICA

Entendemos que melhor maneira de efetuar a análise supracitada é considerar o contexto de cada um dos países da região. Assim, iniciamos com o Cazaquistão, cujo Estado vem conduzindo com habilidade os interesses dos pólos de poder nos seus recursos energéticos, beneficiando-se de um relacionamento forte com todos os lados. Nos anos subseqüentes à dissolução da União Soviética e ao surgimento do Cazaquistão como Estado independente, as empresas petrolíferas

ocidentais adquiriram o controle acionário dos campos de Tengiz e Kashagan, os maiores do país. No que tange aos novos oleodutos ocorreu a confluência de interesses da China, da Europa e dos EUA, no sentido de que seus trajetos deviam contornar o território russo e iraniano. Assim, o petróleo do Cazaquistão é transportado por navios no Mar Cáspio até o oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan (BTC), o segundo mais extenso do mundo, com cerca de 1.600 quilômetros, e que passa pelo Azerbaijão, pela Geórgia e Turquia, em cujo litoral mediterrâneo ele termina. Seu custo foi de 4 bilhões de dólares e evidencia os interesses geopolíticos associados às necessidades econômicas do Ocidente (KHANNA, 2008, p. 93).

Do mesmo modo, a China financiou a construção, em tempo recorde (iniciada em setembro de 2004 e concluída em dezembro de 2005), de um oleoduto com aproximadamente 1.000 quilômetros de extensão, entre Atasu, no Cazaquistão e Alashankou, na China. A possibilidade reduzir a dependência do trânsito pelo estreito de Malaca, do petróleo importado, foi um condicionante geopolítico na decisão de financiar os 700 milhões de dólares gastos na construção desse oleoduto.

No que tange à influência da Rússia, esta ainda tem presença marcante no Cazaquistão, não só pelo contingente

⁵ USA. *Department of Defense. Annual Report to Congress. Military Power of the People's Republic of China 2009*, p. 3-4.
(http://www.defenselink.mil/pubs/pdfs/China_Military_Power_Report_2009.pdf).

populacional de origem russa, mas também pela interligação da rede de oleodutos e gasodutos dos dois países, desde a época da União Soviética. No entanto, a Rússia vai progressivamente tornando-se apenas mais um participante da disputa pelo destino dos recursos energéticos do Cazaquistão. A figura a seguir, permite a visualização da geopolítica dos oleodutos aqui comentada, destacando-se a interligação dessa rede, principalmente, do Cazaquistão com a Rússia. Do mesmo modo, podemos também visualizar o novo oleoduto de Baku-Tbilisi-Ceyhan (BTC), destinado ao suprimento do Ocidente, bem como o de Atasu – Alashankou, destinado a abastecer a economia chinesa.



Figura 2 - Oleodutos da Ásia Central

Fonte: ENERGY INFORMATION ADMINISTRATION (EIA). *Kazakhstan. Oil Pipelines to China*. Disponível em: http://www.eia.doe.gov/emeu/Cabs/Kazakhstan/images/Map_KZ-CH_2Aug04.pdf. Acesso em: 03 set. 2009.

Abordaremos agora o Turcomenistão que, conforme mencionado, possui grandes reservas de gás natural, sendo um dos maiores fornecedores mundiais desse produto. A *Gazprom* (empresa estatal russa e maior exportadora mundial de gás natural) tem o controle da operação dos gasodutos do país. Embora a Rússia continue controlando o fluxo de gás turcomano para a Europa, o governo do Turcomenistão é cortejado com propostas do Ocidente para interligar sua rede de gasodutos com o complexo do Mar Cáspio e ao corredor estratégico do Cáucaso. Do mesmo modo, a China tem o interesse de financiar um gasoduto ligando os dois países, via o Cazaquistão. Nesse contexto, tal qual no Cazaquistão, a esfera de influência dominante também não está decidida no Turcomenistão (KHANNA, 2008, p. 158-160).

No que tange ao Quirguistão, empresas russas e chinesas estão comprando as indústrias metalúrgicas e todo o setor de processamento de alimentos. A China investe pesado na infraestrutura de transportes, transformando a fronteira sino-quirguiz, numa sólida rede

rodoviária, adequada ao trânsito pesado de caminhões, que atravessa o país em direção ao Uzbequistão.

Quanto aos EUA, seu interesse se manifesta na obtenção de bases para apoio à sua Guerra contra o Terror. Nesse sentido, renovaram o contrato com o governo do Quirguistão para a utilização da antiga base aérea soviética de *Manas*⁶. No entanto, o Quirguistão vai construindo novos laços econômicos com a China, país que já é o maior destinatário das exportações quirguizes.

No Tadjiquistão, a mesma política chinesa de financiar rodovias e meios de acesso vem sendo executada, possibilitando a interligação rodoviária da China com o Irã e a consequente revitalização das rotas de comércio sino-iranianas. No que diz respeito à influência da Rússia, ainda hoje, cerca de 20.000 militares russos encontram-se estacionados nesse país, cujas hidrelétricas mais importantes são operadas por empresas russas, que lucram com

a venda de energia ao vizinho Uzbequistão. Assim, dentro do contexto geopolítico, o Tadjiquistão parece inclinar-se para a China e para a Rússia. (*Ibid.*, p. 145-147).

Já o Uzbequistão está no centro da Ásia Central e sua população é maior que as populações somadas dos demais Estados pós-soviéticos da região. No início da década de 1990, o Uzbequistão era apontado como Estado com maior probabilidade de exercer a liderança regional, em função da sua, relativamente, desenvolvida infra-estrutura. Economicamente, o país era o oitavo maior produtor mundial de ouro, com consideráveis reservas de petróleo, gás e Urânio. Adicionalmente, sua produção de algodão, bem como a base industrial já existente, fazia dele uma localização privilegiada para as grandes fábricas têxteis e também para as montadoras de automóveis.

Pouco depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, o Uzbequistão foi transformado num importante aliado dos EUA no apoio às operações militares desencadeadas contra o Talibã e a *Al Qaeda*, no Afeganistão, principalmente a partir da base *Karshi-Khanabad* (“K2”). No entanto, esse contexto que parecia colocar o Uzbequistão na esfera de influência norte-americana foi radicalmente alterado. Durante a década de 1990, o presidente Islam Karimov paulatinamente isolou o país e reprimiu violentamente as

⁶ Em 23 de junho de 2009, representantes do governo norte-americano e do Quirguistão anunciaram um acordo pelo qual os EUA continuariam a utilizar a Base aérea de *Manas* como um “Centro de trânsito” em substituição ao termo “Base Militar”. *Manas* é utilizada principalmente como base para as aeronaves reabastecedoras KC-135, assim como para trânsito de pessoal e equipamentos para o Afeganistão. Os EUA pagam atualmente 60 milhões de dólares, por ano, para utilizar a base e investiram um total de 67 milhões de dólares na infra-estrutura de *Manas*, bem como na assistência aos esforços de contra-terrorismo e contra-narcóticos do governo do Quirguistão (*Jane's Defence Weekly*, Volume 46, Issue 26, 1 July 2009, p. 6).

manifestações internas contrárias a essa política isolacionista, cujo ponto extremo ocorreu em 2005. Os opositores foram descritos como radicais islâmicos e duramente reprimidos. As duras críticas do Ocidente a Karimov, acabaram por fazer com que ele procurasse apoio junto aos governos russo e chinês, os quais lhe deram a cobertura da OCX para exigir que os EUA se retirassem da base *Karshi-Khanabad*.

Ainda em 2005, Karimov foi a Pequim e assinou acordos de fornecimento de petróleo e gás dos campos de *Fergana*, no valor de 1 bilhão de dólares, bem como a construção de um gasoduto ligando o país com a China. Paralelamente, foi assinado com o governo russo, um acordo de defesa mútua, tornando mínima a influência ocidental, tanto na área econômica quanto nas questões de defesa. No entanto, os EUA e a União Européia continuam a gozando de popularidade entre a população uzbeque. Assim, o futuro posicionamento do Uzbequistão ainda permanece incerto, pois repudiando Karimov, os EUA e os europeus não se indispuseram com os grupos islâmicos uzbeques, reprimidos pelo atual governo do Uzbequistão. Já a China e a Rússia podem ter suas respectivas influências reduzidas pela ascensão de um governo uzbeque de oposição a Karimov, pois estão diretamente relacionadas com a sustentação do seu regime (KHANNA, 2008, p. 149-157).

Finalizando a análise da disputa pelo controle e destino dos recursos energéticos da Ásia Central, abordamos agora o Afeganistão, que é o único país da região que se encontra fora das rotas dos dutos de gás e petróleo, e que em função da Guerra contra o Terror, movida pelos EUA, é percebido como um quase-Protetorado militar norte-americano. Porém, mesmo nesse contexto, marcado pela presença militar dos EUA e seus aliados da OTAN, a China discretamente buscou acordos com o Afeganistão para a construção de projetos rodoviários ao longo de Cabul e Herat, com o objetivo de dispor de rotas terrestres seguras até o Irã, via Tadjiquistão e Afeganistão. É também importante destacar que, a despeito da presença militar ocidental, o Afeganistão já obteve o *status* de observador na OCX. Assim, apesar de inserido na esfera de influência do Ocidente, o Afeganistão poderá ter seu futuro alinhamento estratégico redirecionado para a China, que pode estar esperando o desgaste da OTAN, para apresentar programas coordenados de comércio, desenvolvimento e policiamento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto, a Guerra contra o Terror proporcionou ao governo norte-americano a oportunidade para o estabelecimento de bases militares nas repúblicas centro-asiáticas, bem como

transformou o Afeganistão numa espécie de protetorado militar. No plano geopolítico, a presença militar norte-americana nos Estados que se originaram com o colapso da União Soviética, e que hoje são a fronteira da Rússia na Ásia Central, seria inconcebível antes dos atentados de 11 de setembro de 2001. No entanto, a realidade é que manutenção da presença militar dos EUA na região, bem como a busca constante do reforço dos laços diplomáticos com os governos centro-asiáticos conferem aos EUA uma forte influência na disputa pelo controle dos recursos naturais da região.

No que tange à geopolítica dos dutos, a Rússia ainda se faz significativamente presente no Cazaquistão e no Turcomenistão, os Estados detentores das maiores reservas de gás e petróleo da região. Do mesmo modo, sua presença militar é efetiva no Tadjiquistão, bem como no Uzbequistão, países que possuem acordos de defesa com Moscou. Deste modo, apesar de não mais ser um pólo de poder mundial, a Rússia é um dos atores participantes nessa disputa e sua posição não pode ser de maneira alguma ignorada.

No entanto, o pólo de poder que mais vem colhendo resultados positivos nesse emaranhado de interesses é a China. Isso decorre da habilidade com que o governo chinês vem moldando infra-estruturas e

mercados na Ásia Central. Além disso, o peso da economia e da massa demográfica chinesa na região, aponta para a tendência de que a China será a substituta da extinta União Soviética como principal pólo organizador da economia regional. Essa situação nos permite identificar uma vantagem tácita da China sobre as demais Potências que estão disputando o controle e o destino dos recursos energéticos da Ásia Central.

Finalizando, esperamos que o presente artigo tenha também evidenciado como a descoberta de recursos naturais, indispensáveis ao funcionamento das economias atuais, desperta e movimenta o interesse dos pólos de poder da atualidade. Esta é uma realidade internacional que nenhum Estado responsável pode se dar ao luxo de ignorar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ENERGY INFORMATION ADMINISTRATION (EIA). *Kazakhstan. Oil Pipelines to China*. Disponível em: http://www.eia.doe.gov/emeu/Cabs/Kazakhstan/images/Map_KZ-CH_2Aug04.pdf. Acesso em: 03 set. 2009.

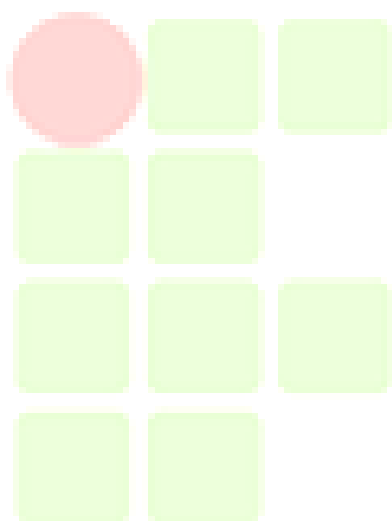
KHANNA, Parag. *O Segundo Mundo: Impérios e Influência na Nova Ordem Global*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

JANE'S DEFENCE WEEKLY. Volume 46. *Issue 26, 1 July 2009*, p. 6

SPYKMAN, Nicholas John. *America's Strategy in World Politics: the United States and the*

Balance of Power. USA: Archon Books, 1970,
p.18.

USA. *Department of Defense. Annual Report to Congress. Military Power of the People's Republic of China 2009*. Disponível em:
http://www.defenselink.mil/pubs/pdfs/China_Military_Power_Report_2009.pdf . Acesso em:
10 set. 2009.



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SÃO PAULO